

Editorial

editorial

Esta última edição de *História da Historiografia* do ano de 2017 é marcada pelo cansaço. Um cansaço angustiante, pois vai muito além daquele que naturalmente afeta a equipe editorial a cada preparação de número – e do qual, é bom que se diga, não reclamamos. Afinal, se a produção e a manutenção de um periódico científico de excelência no Brasil são marcadas por vicissitudes tantas, não há palavra suficiente para descrever a satisfação e o orgulho que nos tomam a cada vez que a revista vem a público, como agora. Nosso esgotamento hoje é de outra natureza, a qual explica inclusive o uso da primeira pessoa do plural: não apenas a equipe, mas todos nós que formamos a comunidade historiográfica brasileira, com suas ramificações, desdobramentos e conexões por outras áreas do saber e em outros países, estamos cansados, senão desolados, com tudo o que assistimos e vivemos em nosso país neste ano.

Por mais que saibamos que depois do golpe de Estado de 2016 nada mais seja “normal” por aqui – ou, pior, que depois do golpe os mais espantosos descabimentos passaram a ser “normais” –, é impossível não se horrorizar com certos movimentos que deveriam abalar qualquer sociedade que se pretenda minimamente democrática, para não dizer, consciente de todos os riscos que isso implica, “civilizada”. Do aumento avassalador da miséria, perceptível sem esforço por qualquer um que viva numa cidade brasileira de médio ou grande porte, à violência quase descontrolada que, cada vez mais, perpassa as relações sociais, o cotidiano nos esbofeteia sem piedade. E, ainda que seja banal dizê-lo, engana-se por completo quem porventura imaginar que ao menos o território do historiador consegue se manter razoavelmente ileso nesse quadro. Ileso como, se as Universidades públicas estão sob ameaças várias (o exemplo extremo e dramático da Uerj deve ser sempre evocado para lembrar que isso não é algo irrelevante), se a escola básica e, em particular, os Professores e Professoras de História estão sob a mira de um estapafúrdio movimento-espetáculo denominado Escola Sem Partido, se o “passado” é apropriado e utilizado das mais variadas maneiras para construir “histórias” sem critério que se disseminam por largas audiências, especialmente via internet? São apenas alguns exemplos, aos quais se podem juntar outros tantos, mas o que importa de fato é reiterar a pergunta: ileso como?

O cansaço, contudo, não nos faz esmorecer. Nesse estado de coisas, mais que nunca é preciso estar atento e forte, como diz a canção. Se a onda geral parece nos engolfar e nos empurrar para a vulgaridade e o obscurantismo, então remamos contra ela de cabeça erguida. Felizmente, não remamos sozinhos. Esta edição traz nove artigos bastante diversificados escritos por colegas brasileiros, argentinos e portugueses, que, tomados em conjunto, reafirmam aquela que uma é das principais características de *História da Historiografia*, senão a principal: abrir-se para inquietações originais e instigantes da produção historiográfica atual, seja diante de temas, objetos e recortes ainda pouco ou nada explorados, seja diante de assuntos já consolidados entre nós. Junto a eles, publicamos uma resenha e um texto historiográfico do século XVI acompanhado de uma alentada apresentação, seções nas quais o exercício da crítica mostra-se com

o seu necessário rigor. Fechando o número, temos uma grande entrevista com o historiador norte-americano Ethan Kleinberg, editor executivo de *History and Theory* e Professor na Wesleyan University (EUA), a qual aborda sua carreira, seus trabalhos, sua atuação à frente da revista e, sobretudo, suas posições acerca dos significados e possibilidades da escrita da História hoje.

É importante dizer ainda que esta edição também é marcada por uma mudança no quadro de nossos editores executivos. Depois de quatro anos de muito trabalho e de uma atuação que nos foi imprescindível, Helena Mollo agora vai dedicar-se, merecidamente, a outros projetos; em seu lugar entram dois companheiros de longa data, Valdei Lopes de Araujo e Mateus Henrique de Faria Pereira, que já foram decisivos na preparação deste número. Na Secretaria, por sua vez, Rodrigo Machado passa suas funções a Augusto Martins Ramires, garantindo a competência e a estabilidade desse lugar absolutamente central à vida da revista. Gratíssimos a Helena e Rodrigo e felizes por contarmos com Valdei, Mateus e Augusto na equipe é que oferecemos esta robusta *História da Historiografia* a nossos leitores e leitoras, desejando-lhes ótima leitura e boas reflexões.

Por fim, para retomar o mote deste editorial e mais uma vez fazer uma citação musical, acreditamos que vale a pena lembrar o verso de Lisandro Aristimuño: “estoy cansado pero no vencido”. Resistimos.